

## O AMADURECIMENTO DE UMA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA MUNDIAL

Pedro Paulo A. Funari

Deptº de História - IFCH/UNICAMP

Os últimos anos testemunharam uma verdadeira revolução no campo da Arqueologia Histórica internacional, destacando-se, em particular, a realização, pela primeira vez com esse nome, de um tema intitulado *Changing Perspectives on Historical Archaeology*, no contexto do *World Archaeological Congress 3*, realizado, em Nova Delhi, em dezembro de 1994. O tema, organizado por uma européia (Sian Jones, Southampton), um africano (Martin Hall, Cape Town) e um sul-americano (Pedro Paulo A. Funari, Campinas), contou com quatro subtemas: 1. explorando questões epistemológicas: problemas de definição do objeto (organizado por Funari); 2. a pluralidade da cultura material: raça, etnicidade, tribo, classe e gênero (Jones); 3. a Arqueologia e a representação das identidades modernas: nacional, colonial, imperial (Timothy Champion); 4. Arqueologia feminista (Suzanne Spencer-Wood). No total, 49 *papers* foram apresentados por autores provenientes dos cinco continentes. Cronologicamente, os trabalhos abrangeram desde a antiga Palestina (S. JONES, 1994) ou a Bretanha Romana (HINGLEY,

1994) até a atualidade (e.g. LEVI, 1994). Os organizadores do tema prepararam a publicação de um volume da série *One World Archaeology*, publicada pela editora Routledge, a sair em 1997.

Paralelamente ao evento na Índia, foram lançados, em inglês, dois volumes sobre o tema que, em pouquíssimo tempo, tornaram-se *text books*, ambos de autoria de Charles E. Orser, Jr. O público brasileiro foi privilegiado com a publicação de um manual, traduzido para o português e inédito em inglês, que adiantaria diversas idéias que, desenvolvidas, estão presentes nos livros-textos publicados nos Estados Unidos; essa pequena obra (ORSER, 1992), ainda que em nosso idioma, chamou atenção no exterior, tendo sido resenhada, de forma muito positiva, em *Historical Archaeology* (ESAREY, 1995). Orser uniu-se a Brian Fagan para apresentar um manual muito didático introdutório à Arqueologia Histórica (ORSER & FAGAN, 1995), cujo imenso êxito editorial explica-se não apenas pelas inovações metodológicas como pela abrangência de tópicos tratados. De fato, o livro discute a definição da Ar-

queologia Histórica, sua História, os sítios e artefatos, as noções de tempo e espaço, as prospecções, o trabalho de campo, as teorias explicativas, os grupos, sua difusão pelo globo e a dimensão política deste campo de estudo. Pouco após a publicação deste manual, Orser (1996) apresentou sua grande obra, interpretativa e inovadora, cuja leitura trouxe-me à mente as palavras de Cícero (*Academicae Quaestiones*, 1,1,2): *habeo opus magnum in manibus!* De fato, Orser começa seu livro com um capítulo significativamente chamado “Uma crise na Arqueologia Histórica” e utiliza-se dos restantes sete capítulos para propor um estudo interdisciplinar da cultura material do capitalismo.

Neste contexto, caberia discutir, aqui, algumas das questões epistemológicas centrais subjacentes às alterações em curso na Arqueologia Histórica. A primeira delas refere-se ao seu caráter inter e multidisciplinar. Não é casual que, ao mesmo tempo que ocorriam as sessões na Índia e lançavam-se esses livros, um grupo de cientistas resolvia iniciar a publicação de um novo periódico acadêmico, *Journal of Material Culture*, cujo primeiro número veio à luz em 1996. No editorial, Daniel Miller e Christopher Tilley propunham que “o fato de não existir uma disciplina chamada ‘estudo da cultura material’ pode ser visto como uma vantagem. Disciplinas, com seus mecanismos de manutenção de fronteiras, com estruturas institucionais, textos básicos, metodologias, debates internos e áreas de estudo delimitados, por sua própria constituição, são de natureza conservadora... nosso objetivo... consiste em encorajar a fertilização por cruzamento de idéias e abordagens entre pessoas preocupadas com a constituição material das relações sociais” (MILLER & TILLEY, 1996, p.5; cf. DEETZ, 1977, p.12).

Essa multidisciplinaridade encontra-se na própria definição da área em Orser & Fagan (1995, p.14): “a Arqueologia Histórica é um campo multidisciplinar que compartilha uma relação especial com as

disciplinas formais da Antropologia e da História”. Como propõe Orser (1996, p.11), “hoje podemos dizer que, para muitos estudiosos, História e Antropologia são distintas apenas em um sentido ‘trivial de especialização acadêmica’ ” (cf. ORSER, 1994, p.6). Outras disciplinas são também, explicitamente, citadas, como Geografia, Sociologia, Arquitetura, Semiótica e, a julgar pelas discussões ocorridas na Índia, deve acrescentar-se a Filosofia (e.g. MORAES, 1994), o estudo do patrimônio (e.g. HINGLEY, 1994) ou a História da Arte (e.g. RHYNE, 1994). Talvez quem melhor tenha se expressado, a esse respeito, tenha sido Pierre Bourdieu (1996, p.71), em recente entrevista: *Grosse Historiker der Vergangenheit, wie Kantorowicz, Panofsky, Marc Bolch, Braudel, Gerschenkron, Finley oder E.P. Thompson haben aus ihrer Praxis heraus Theorien entwickelt wie alle anderen Spezialisten der Sozialwissenschaften auch, indem Sie die Gesamtheit theoretischer Erkenntnisse aller Sozialwissenschaften kumulierten*. A relação estreita entre a Arqueologia Histórica e a História induziu David Austin (1990, p.29) a propor sua unificação, como uma espécie de História social (cf. CERDÀ, 1991, p.420). Com efeito, documentos escritos e cultura material são, ambos, objetos de estudo inseparáveis (cf. NOËL HUME, 1969, p.13; ORSER, 1987, p.131; NUNES, 1994, p.181; D’AGOSTINO, 1995, p.104).

A definição exata de Arqueologia Histórica constitui, provavelmente, a questão mais controversa na atualidade. Orser & Fagan (1995, p.14) propõem que ela seja uma disciplina que “centra sua atenção no passado pós pré-histórico, e procura entender a natureza global da vida moderna”. Trataria do período posterior a *circa* 1415 (tomada de Ceuta), caracterizado por quatro *haunts*: colonialismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade (ORSER, 1996, pp.57-88 *et passim*), termos indissociáveis e relacionados à expansão européia (CHAMPION, 1990, p.92). Esta proposta pode ser avaliada a par-

tir de duas questões centrais, às quais particular contribuição tem sido dada pelos historiadores. Em primeiro lugar, pode falar-se em continuidade histórica entre o século XV e o presente, continuidade essa que derivaria, precisamente, do capitalismo? Eric Hobsbawm (1985, p.13) lembra que a própria palavra "capitalismo" só foi introduzida na década de 1860; no entanto, usa-se o termo "capitalismo comercial ou mercantil" para designar o predomínio dos interesses burgueses desde o século XV. Embora a produção não fosse capitalista, baseada no trabalho assalariado, poder-se-ia concordar com Caio Prado Júnior e supor que "a análise da estrutura comercial de um país revela, sempre, melhor que a de qualquer um dos seus setores particulares da produção, o caráter de uma economia, sua natureza e organização (PRADO, 1966, p.266; cf. TAVARES, 1967, p.57). O caráter capitalista do período moderno, ainda mais no que se refere às áreas periféricas, como as regiões da América dominadas pela escravidão, foi destacado por Fernando Novais (1970, p.33; cf. TOPIK, 1991, p. 1375) e pode dizer-se que muitos estudiosos compartilham da certeza de Frédéric Mauro (1970, p.19) de que "capitalismo comercial e capitalismo industrial têm estruturas próprias, <mas> mecanismos gerais e estruturas gerais comuns" (cf. CHAUNNU, 1984, p. 427).

Outros, contudo, não aceitam tais generalizações e continuidades, pois "a economia dos tempos modernos (da metade do século XV até a metade do século XVIII) é fundamentalmente *pré-capitalista*, o que se aplica à Europa, ao mundo colonial a ela submetido, e ao incipiente mercado mundial" (CARDOSO & BRIGNOLI, 1983, p.73). O modo de produção escravista colonial das Américas não seria, *eo ipso*, capitalista (GORENDER, 1978; CARDOSO, 1982; cf. BEOZZO, 1978, p.287). Nos aspectos sócio-culturais, com mais forte razão, pode caracterizar-se as sociedades modernas, em particular ibéricas, americanas e africanas, como dominadas por instituições

patriarcais, com divisões não apenas de classe como de *status*, não igualitárias, no sentido capitalista do termo, mas hierarquizadas (Rangel, 1978, pp. 85, 88, 90, 92 *et passim*; Rangel, 1981, pp. 5,8; Thornton, 1981, p.186 *et passim*; Thornton, 1992, *passim*; Da Matta, 1991, p.399). Seria, neste contexto, possível uma Arqueologia do Capitalismo, no sentido amplo, dar conta dessa complexidade? Barbara Little (1994, pp.15-16) não tem dúvida a respeito:

"Focalizar o capitalismo e o desenvolvimento da ideologia dominante no mundo moderno ocidental é importante. Há pontos débeis, contudo, dos quais não é o menor o ponto de vista centrado no ocidente europeu, que pode servir para omitir da 'Arqueologia Histórica' trabalhos transculturais relevantes que incorporam documentação escrita, como aquela referente aos Estados pré-capitalistas do Velho Mundo, às manobras políticas entre grupos nativos americanos, na Europa medieval ou nas culturas africanas documentadas pela História oral".

Assim, embora o "mundo moderno seja caracterizado por uma economia única que é colonial, internacional e em expansão" (ORSER, 1996, p. 83) e o arqueólogo lide com artefatos que são *commodities* (ORSER & FAGAN, 1994, p.83), mercadorias voltadas para a troca comercial, esse mundo complexo incluía realidades ligadas de modo apenas parcial ao capitalismo. Dois exemplos tratados na Índia e nos livros em questão podem exemplificar bem isso: a cultura material quilombola, em Palmares (ROWLANDS, 1994; ALLEN, 1995; FUNARI, 1995) e a cultura material dos africanos escravizados no sul dos Estados Unidos (ORSER, 1996, pp. 117-123). Quanto a esta última, o estudo da chamada cerâmica *Colono ware*, que compreende de 80 a 90 por cento de toda cerâmica encontrada em sítios de escravos no século XVIII (SINGLETON, 1991, p.161), demonstra tratar-se de uma produção que, mais que retornar aos costumes africanos ou indígenas, "conotava um sistema de resistência e diversidade cultural que buscava diferenciar-se da cultura europeia dominante"

(ORSER, 1996, p. 121). Os escravos não queriam tanto ser africanos ou americanos, ou fazer parte de grupos étnicos específicos, mas mostrarem-se diferentes dos opressores (HALL, 1992, p. 385).

A cultura material palmarina, recém-descoberta e estudada, demonstra uma mescla de características indígenas, africanas e européias, resultante em uma espécie de sincretismo (ALLEN, 1995), cujas particularidades não se explicam apenas pelo capitalismo mas sem o qual não se pode entender (cf. FUNARI, 1996). Neste sentido, pode concordar-se com Orser que o capital, direta ou indiretamente, transformou e imprimiu especificidades ao mundo pós-medieval. Por outro lado, os organizadores do tema *Changing Perspectives in Historical Archaeology*, na Índia, preferiram optar por uma definição mais abrangente do termo Arqueologia Histórica. Na verdade, como lembrou, há pouco, Kent Lightfoot (1995, pp. 200, 202, 210, 211), a própria divisão entre História e Pré-História pode dificultar o conhecimento do passado:

“A atual separação das Arqueologias Histórica e Pré-Histórica desvia-nos, em grande medida, do estudo da mudança cultural de longo prazo, especialmente em contextos multiculturais...A divisão artificial entre Arqueologia ‘histórica’ e ‘pré-histórica’ possui longa história na América do Norte, estando sua origem em uma antiga visão segregada do passado. Aldeias indígenas eram vistas como entidades distintas e separadas dos assentamentos europeus e euro-americanos e seu estudo envolvia grupos diversos de pesquisadores...<Contudo> o estudo da mudança cultural de longo prazo, tanto em contextos históricos como pré-históricos, é imprescindível para avaliar todas as implicações da exploração colonial e da formação de comunidades coloniais multi-étnicas...O potencial da Arqueologia para contribuir para os estudos dos contatos culturais é prejudicado pela prevacente prática de dividir a História e a Pré-História em sub-áreas separadas”.

Além disso, em um contexto mundial e extra-americano, a definição da Arqueologia Histórica como o estudo “da difusão e manifestação da cultura

moderna por todo o mundo” (ORSER, 1988, p.5) parece dar conta de apenas uma parte da questão, pois continuidades milenares podem ser tão ou mais importantes que a crescente europeização do globo. A posição epistemológica por nós adotada, enquanto organizadores do tema em WAC 3, foi privilegiar um elemento essencial de nosso objeto de estudo: o caráter de classe das sociedades históricas. Admitindo-se as continuidades entre a História e a Pré-História assinaladas por Lightfoot, não se pode deixar de notar a diferença entre sociedades ágrafas e sem Estado e as sociedades hierarquizadas, alfabetizadas e caracterizadas por divisões de classe e pela exploração. Neste sentido, a Arqueologia Histórica estuda, justamente, esta interação entre dominantes e dominados, letrados e iletrados, em diferentes contextos culturais e cronológicos. A Arqueologia Histórica, portanto, “democratiza o passado, iluminando a vida cotidiana das pessoas comuns que não são visíveis no registro documental” (HALL, 1991, p.78). Não se estuda apenas a *upper crust* (HALL, 1993, p. 182), mas a cultura dos escravos (SINGLETON, 1990, p. 72), dos trabalhadores, em geral (NEGRI, 1991, pp. 383-384). O estudo dos iletrados, na Atenas Clássica, como demonstra o trabalho de Louise Zarnati (1994) apresentado na Índia, não dispensa o uso da metodologia da Arqueologia Histórica do mundo moderno, mas não se esgota nela e, de uma forma ou de outra, fornece elementos para que se possa repensar a própria Arqueologia do mundo pós-medieval. A Arqueologia Histórica talvez pudesse ser definida, portanto, como aquela que estuda as *contradições* inerentes às sociedades de classe (cf. HALL, 1994, p. 1).

O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica mundial, nos anos noventa, implica em superar algumas limitações. Em primeiro lugar, seu caráter multidisciplinar exige a superação das barreiras formais entre as disciplinas acadêmicas que lidam com as sociedades humanas e sua transformação. O es-

tudo da cultura material define a Arqueologia mas ele não pode ser feito de forma isolada, nem confundido com a mera e ilusória "produção de fatos novos" - uma escavação, por exemplo. Em segundo lugar, encarada como estudo da difusão européia pelo mundo ou como análise das contradições materiais nas sociedades de classe, a Arqueologia Histórica tem como centro de sua atenção as tensões sociais, no passado e no presente. Reconhece-se como resultado dos conflitos contemporâneos e parte do pressuposto de que para conhecer o passado é necessário conhecermos a nós mesmos (SHANKS & TILLEY, 1987). Por fim, mas não menos importante, há um componente ético, tanto na academia como fora dela, cuja essência consiste no pluralismo e no respeito à

divergência, na transparência que não oculta golpes e que permite a visibilidade das opressões e contradições, no passado e no presente.

### Agradecimentos

Agradeço aos seguintes colegas que, de uma outra de outra forma, permitiram a redação deste ensaio: Scott Allen, David Austin, Timothy Champion, Edgar de Decca, Martin Hall, Richard Hingley, Sian Jones, Sarah Tiziano Levi, Kent Lightfoot, Barbara Little, João Quartim de Moraes, Charles E. Orser, Jr., Theresa Singleton, Suzanne Spencer-Wood, John Thornton e Louise Zarmati. As idéias são, naturalmente, de exclusiva responsabilidade do autor.

### Bibliografia

- ALLEN, S.J. *Africanisms, Mosaics, and Creativity: the Historical Archaeology of Palmires*. Rhode Island, Brown University, master's thesis, 1995.
- AUSTIN, D. "The 'proper study' of medieval archaeology". In: AUSTIN, L. & ALCOCK, L. (eds), *From the Baltic to the Black Sea. Studies in Medieval Archaeology*. Londres, Unwin Hyman, 1990, pp.10-42.
- BEOZZO, J.O. "Resenha". *Encontros da Civilização Brasileira*, 1, 1978, pp. 286-292.
- BOURDIEU, P. "Über die Beziehungen zwischen Geschichte und Soziologie in Frankreich und Deutschland". *Geschichte und Gesellschaft*, 22 (1), 1996, pp.62-89.
- CARDOSO, C.F. & BRIGNOLI, H.P. *História econômica da América Latina*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CARDOSO, C.F.S. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Rio de Janeiro, Vozes, 1982.
- CERDÀ, M. "Industrial archaeology and the working class". *Arqueología Industrial*, Valencia, 1991, pp. 403-422.
- CHAMPION, T.C. "Medieval archaeology and the tyranny of the historical record". In: AUSTIN, D. & ALCOCK, L. (eds), *From the Baltic to the Black Sea. Studies in Medieval Archaeology*. Londres, Unwin Hyman, 1990, pp.79-95.
- CHAUNNU, P. *Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI)*. São Paulo, Pioneira, 1984.
- D'AGOSTINO, M.E. "Review". *Historical Archaeology*, 29 (1), 1995, pp. 103-104.
- DA MATTA, R. "Religion and modernity: three studies of Brazilian religiosity". *Journal of Social History*, 25 (2), 1991, pp. 389-406.
- DEETZ, J. "Material culture and archaeology - what's the difference". In: FERGUSON, L. (ed), *Historical Archaeology and the Importance of Material Things*. Nova Iorque, Society for Historical Archaeology, 1977, pp. 9-12.
- ESAREY, M.E. "Review of Charles E. Orser's *Introdução à Arqueologia Histórica*, translated by Pedro Paulo Abreu Funari, Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1992, 142 pp.". *Historical Archaeology*, 29 (2), 1995, pp. 131-132.
- FUNARI, P.P.A. "The archaeology of Palmires and its contribution to the understanding of the History of African-American culture". *Historical Archaeology in Latin America*, 7, 1995, pp. 1-41.
- FUNARI, P.P.A. *Novas perspectivas abertas pela Arqueologia da Serra da Barriga*. São Paulo, manuscrito inédito, a ser publicado por Lília M. Schwarcz, Companhia das Letras, 1996.

- GORENDER, J. *O escravismo colonial*. São Paulo, Ática, 1978.
- HALL, M. "Fish and Fisherman, archaeology and art: Cape Town seen by Bowler, D'Oyly and De Meillon". *S.-Afr. Tydeskr. Kuns-Argit-Gesk.*, 2 (3/4), 1991, pp. 78-88.
- HALL, M. "Small things and the mobile, conflictual fusion of power, fear, and desire". In: YENTSCH, A.E. & BEAUDRY, M.C. (eds), *The Art and Mystery of Historical Archaeology: Essays in Honor of James Deetz*. Boca Raton, CRC Press, 1992, pp. 373-399.
- HALL, M. "Subaltern voices? Finding the spaces between things and words". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- HALL, M. "The archaeology of colonial settlement in Southern Africa". *Annual Review of Anthropology*, 22, 1993, pp. 177-200.
- HINGLEY, R. "A post-colonial perspective on change in Roman Britain". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- HOBSBAWN, E.J. *The Age of Capital: 1848-1875*. Londres, Abacus.
- JONES, S. "Historical categories and the praxis of ethnicity: a critique of the interpretation of ethnic groups in ancient Palestine". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- LEVI, S.T. "Women's work in Italian archaeology". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- LIGHTFOOT, K.G. "Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology". *American Antiquity*, 60 (2), 1995, pp. 199-217.
- LITTLE, B. "People with history: an update on historical archaeology in the United States". *Journal of Archaeological Method and Theory*, 1 (1), 1994, pp. 5-40.
- MAURO, F. "O papel do comércio exterior no capitalismo comercial e no capitalismo industrial". *Estudos Históricos*, 9, 1970, pp. 19-26.
- MILLER, D. & TILLEY, C. "Editorial". *Journal of Material Culture*, 1, 1996, pp. 5-14.
- MORAES, J.Q. "Trois visées sur l'Orient: Voltaire, Marx et Rectus". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- NEGRI, A. "Industrial archaeology and material culture". *Arqueologia Industrial*, Valencia, 1991, pp. 393-401.
- NOËL HUME, I. *Historical Archaeology*. Nova Iorque, Knopf, 1969.
- NOVAIS, F. "Sistema colonial, industrialização e etapas de desenvolvimento". *Estudos Históricos*, 9, 1970, pp. 27-37.
- NUNES, J.P.A. "Inventores, registros de patentes e de marcas e Arqueologia industrial: um exemplo concreto". *Revista Portuguesa de História*, 29, 1994, pp. 181-212.
- ORSER, C.E. "Plantation status and consumer choice: a materialist framework for historical archaeology". In: SPENCER-WOOD, S. (ed), *Consumer Choice in Historical Archaeology*. Nova Iorque, Plenum, 1987, pp. 121-137.
- ORSER, C.E. "Toward a global historical archaeology: an example from Brazil". *Historical Archaeology*, 28 (1), pp. 5-22.
- ORSER, C.E. *The Material Basis of the Post Bellum Tenant Plantation. Historical Archaeology in the South Carolina Piedmont*. Athens, University of Georgia Press, 1988.
- ORSER, C.E. & FAGAN, B.M. *Historical Archaeology*. Nova Iorque, HarperCollins, 1995.
- ORSER, C.E. *A Historical Archaeology of the Modern World*. Nova Iorque, Plenum Press, 1996.
- ORSER, C.E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.
- PRADO, C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1966.
- RANGEL, I. "A História da dualidade brasileira". *Revista de Economia Política*, 1(4), 1981, pp. 5-34.
- RANGEL, I. "Dualidade e 'escravismo colonial'". *Encontros com a Civilização Brasileira*, 3, 1978, pp. 79-92.
- RHYNE, C.S. "The complexity of cultural identity in the art of Pacific Northwest Native Americans". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- ROWLANDS, M. "Black identity and a sense of the past in Brazilian national culture". *World Archaeological Congress 3*, 1994.
- SHANKS, M. & TILLEY, C. *Re-constructing Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- SINGLETON, T. A. "The archaeology of the plantation South: a review of approaches and goals". *Historical Archaeology*, 24 (4), 1990, pp. 70-77.
- SINGLETON, T.A. "The archaeology of slave life". In: CAMPBELL, D.C. (ed), *Before Freedom Came*. Richmond, Museum of Confederacy, 1991, pp. 155-175.
- TAVARES, A. "Caio Prado e a teoria da Revolução Burguesa". *Revista Civilização Brasileira*, 11/12, 1967, pp. 48-80.
- THORNTON, J. "Early Kongo-Portuguese relations: a new interpretation". *History in Africa*, 8, 1981, pp. 183-202.
- THORNTON, J. *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1680*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.
- TOPIK, S.C. "Compte-rendu". *Annales E.S.C.*, 50 (6), 1995, pp. 1374-5.
- ZARMATI, L. "The archaeology of gender: problems of accessing non-literates in 'literate' Classical Athens". *World Archaeological Congress 3*, 1994.